

Transcomunicação instrumental enquanto experiência religiosa auxiliar no luto

RESUMO

Este trabalho cogita, por meio de revisão narrativa da literatura, se o possível meio eletroeletrônico de interação entre vivos e mortos, a Transcomunicação Instrumental, alicerçada pela Doutrina Espírita, auxilia na (re)construção da interpretação do luto por perdas parental, minorando os danos emocionais. No Brasil, atualmente, embora haja um arcabouço histórico mundial, essa prática, ainda que velada, visa obter informações do além-túmulo, no intuito da busca de respostas para as clássicas perguntas da humanidade que dizem respeito a para onde vamos e como estamos após a morte. Entende-se que, quando o receptor enlutado reconhece o emissor falecido no registro da manifestação, abraçando a intervenção como verdade, transcende a razão e a emoção, antes em desalinho, caracterizando uma possível forma de experiência religiosa.

Palavras-chave: Perda parental; Transcomunicação instrumental; Luto; Espiritismo; Tecnologia.

* Doutora em Ciências da Educação e Saúde Pública pela Emill Brunner World University (EBWU), Estados Unidos. Mestre em Saúde Coletiva e Comunicação Humana pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Pesquisadora colaboradora do Núcleo de Saúde Mental, Álcool e Outras Drogas, ligado à Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). CV: <http://lattes.cnpq.br/2111734725552382>



Instrumental transcommunication as religious experience assisting in grief

ABSTRACT

This work considers, through a narrative review of the literature, whether the possible electronic means of interaction between the living and the dead, Instrumental Transcommunication, based on the Spiritist Doctrine, helps in the (re)construction of the interpretation of mourning for parental losses, mitigating the emotional damage. In Brazil, currently, although there is a global historical framework, this practice, although veiled, aims to obtain information from beyond the grave, with the aim of seeking answers to the classic questions of humanity that concern where we are going and how we are after death. It is understood that, when the bereaved receiver recognizes the deceased sender in the record of the manifestation, embracing the intervention as truth, it transcends reason and emotion, previously in disarray, characterizing a possible form of religious experience.

Keywords: Family death; Instrumental transcommunication; Grief; Spiritism; Technology.

La transcomunicación instrumental como experiencia religiosa para ayudar en el duelo

RESUMEN

Este trabajo considera, a través de una revisión narrativa de la literatura, si el posible medio electrónico de interacción entre vivos y muertos, la Transcomunicación Instrumental, fundamentada en la Doctrina Espírita, ayuda en la (re)construcción de la interpretación del duelo por las pérdidas parentales, mitigando el daño emocional. En Brasil, actualmente, aunque existe un marco histórico global, esta práctica, aunque velada, tiene como objetivo obtener información del más allá, con el objetivo de buscar respuestas a las preguntas clásicas de la humanidad que se refieren a dónde vamos y cómo estamos. después de la muerte. Se entiende que, cuando el receptor doliente reconoce al emisor fallecido en el registro de la manifestación, abrazando la intervención como verdad, trasciende la razón y la emoción, previamente en desorden, caracterizando una posible forma de experiencia religiosa.

Palabras clave: Muerte de familiares; Transcomunicación instrumental; Dolor; Espiritismo; Tecnología.



O fenômeno da morte, malgrado ser natural e universal, e amplamente estudado por ciências correlatas e empáticas ao tema, é o mistério mais abrangente no arcabouço de tônicas sobre a finitude do ser. O enigma do fenecer instiga histórica e insistentemente a especulação humana, não somente no que tange o aspecto biológico do evento enquanto fatídico e irrevogável, mas, especialmente, no que concerne à incógnita no tocante à veracidade da sobrevivência da alma (Lima & Carrieri, 2020, p. 356).

Explicações hipotéticas para o que acontece com o espírito, isto é, no pós-morte, por vezes são insuficientes para pessoas expressivamente afetadas pelo estado de enlutamento, mediante o falecimento de ente(s) pelo(s) qual(is) nutre forte vínculo de afetividade, comumente associado à parentalidade. Sendo assim, as inquietudes provocam a exploração de possibilidades que ofereçam elucidações mais contundentes, intencionando aliviar o sofrimento emocional engendrado por efeito do episódio consternador.

A morte, apesar de culturalmente ter se tornado um assunto evitável na sociedade ocidental, possivelmente talhado no medo do desconhecido (Rocha, Fonsêca & Sales, 2019, p. 34), emerge acarretando turbilhões de questionamentos recursivos no enlutado, classicamente ancorados em perguntas alusivas ao fato em si e à (in)existência de posteridade, bem como na complexidade das respostas, frequentemente de caráter dogmático¹ que passam a ser interpretadas como truncadas, controversas e/ou desarrazoadas. Tal comportamento, por comum, se desenha em função do desenvolvimento do Transtorno do Luto Complexo Persistente (APA, 2014, p. 789) ou Luto Complicado (LC), definido, em suma, por pensamentos e sentimentos negativamente contumazes, derivados da perda em decorrência da morte,² afetando, no lutuoso, a saúde física, mental, social e espiritual.

Dado que a saúde espiritual se relaciona ao propósito e ao significado atribuído à vida (Guimarães, 2023), é comum no LC suceder-se à conduta de hesitação, refutação ou descarte para com suas concepções prévias de espiritualidade, presentemente entendida como “um desejo profundo que o ser humano tem pelo significado da própria existência e também pela cura de seus sofrimentos” (Borges, 2020, p. 213). Ante ao desenrolar de uma problemática íntima, assomam as opções não triviais para resolução do que aflige o âmago, como tentativa de (re)construir o sentido invalidado, incompreendido ou inexistente.

Nesse cenário, a Transcomunicação Instrumental (TCI), prática sustentada pela possibilidade da ocorrência de contato entre vivos e mortos por meio de aparelhos elétricos e eletrônicos (Velloso, 2020, p. 324), efetua-se como alternativa aplicada por enlutados complicados que não encontram nas escrituras e nas retóricas, ou na sua “antiga” visão de mundo, alento suficiente para suplantar o ciclo da desolação “atual”. Ainda que exista consenso entre as premissas das religiões espiritualistas³ no que diz respeito à sobrevivência da alma face à morte física, somente aquelas ditas “mediúnicas” validam, ademais, ser factível o contato interdimensional (Nogueira, 2021, p. 47). E são por essas teorias “póstumas” que muitos

¹ Relacionado ao autoritarismo que impõe a aceitação de uma ideologia.

² O luto pode se instalar em decorrência das perdas de variadas naturezas, a título de ilustração: rompimentos de relações trabalhistas ou conjugais, prejuízos financeiros ou materiais.

³ Todas as religiões que admitem a existência de uma divindade e de um espírito que anima o corpo humano podem ser consideradas espiritualistas.

portadores de LC têm procurado caminhos experimentais para desvendar, dando fundamental importância à confirmação empírica.

Logo, vale cogitar se o meio eletroeletrônico de comunicação, que prevê a interligação “de quem foi e de quem ficou”, seria uma forma de experiência religiosa⁴ alicerçada pela Doutrina Espírita. Isto porque o Espiritismo parece nortear, se não a prática em si, as expectativas e os resultados pretendidos com o advento da TCI, podendo favorecer o desvencilhar dos entraves do LC, auxiliando na reconstrução da interpretação das perdas por morte e minorando os danos emocionais.

Desse modo, a partir dos apontamentos históricos, esta revisão narrativa da literatura intenciona entender o lugar ocupado pela TCI na coletividade enlutada contemporânea. A despeito de o estudo e de a pesquisa acerca desse tema esboçar uma proposição postergada pela ciência dita oficial, o ideário de Portela comporta pertinência:

Acredito na investigação científica. Penso que cabe à ciência investigar em todas as áreas, mantendo uma abertura de espírito para que a verdade de hoje seja amanhã substituída e para que essa verdade de amanhã possa no futuro também ser substituída. Já não estamos no tempo em que, para defender a verdade, era necessário o sacrifício da vida do cientista (Portela, 2019, p. 17).

No rastro de conceitos e personalidades históricas da TCI

“Transcomunicação Instrumental” é um termo de autoria atribuída a Ernst Senkowski (1922-2015), nos idos de 1980. O físico, de origem alemã, agregou o prefixo “trans” – que significa “para além”, à palavra “comunicação” – que denota “ação de participar” –, e acrescentou o vocábulo “instrumental” – referindo-se “ao que auxilia ou serve de mecanismo”, visando designar nomenclatura específica, concedida ao fenômeno de ouvir vozes e ver imagens, assacadas a espíritos ou a consciências inaudíveis e invisíveis aos sentidos comuns humanos, apoiado pelo uso de máquinas. À vista disso, Senkowski objetivou distinguir a TCI da diligência estritamente mediúnica (Cabral, 2019, p. 9). Destaca-se que a mediunidade se perfaz em habilidade na qual determinada pessoa, provida de sensibilidades mais apuradas que a maioria dos seus semelhantes, alcança comunicar-se com criaturas consideradas “mortas” biologicamente (Kardec, 2013, p. 234) ou provenientes de outras dimensões alheias ao planeta Terra, estas que seriam denominadas de “extraterrestres”.

Esse preceito de parapercepção, que corresponde a uma susceptibilidade humana ostensivamente incomum, não ocorre expressamente na TCI, uma vez que tal modo de interação interdimensional supostamente vale-se de rádios, gravadores, computadores, telefones, televisões, câmeras, assim dizendo, de qualquer recurso tecnológico acessível e

⁴ Entendimento íntimo e subjetivo de ultrapassar os próprios limites de leitura dos portentos cravados em outrora.

com capacidade para registrar sons e figuras – esta última denominada, geralmente, como “transimagem” e, especificamente, como “transfoto”.

A sigla em inglês “EVP” – *Electronic Voice Phenomenon* – é utilizada para apontar sons diversos, como frases curtas, palavras, assovios, músicas etc., em frequências audíveis ou de baixa acuidade, sequenciais, sussurrados, soletrados, desagregados, enfim, apresentando uma gama de variações que ocorrem de maneira isolada ou combinada. Nas transimagens podem surgir paisagens ou corporaturas de pessoas falecidas (identificadas ou desconhecidas), de mesmo modo seres excêntricos, oriundos de algum lugar, que não este, registrados por câmeras de foto/vídeo ou por televisão.

Já o termo “transfoto” é usual quando aparecem aspectos físicos congêneres a retratos, portanto, sendo aplicado unicamente quando o registro se deu pelo uso de câmera fotográfica. Ambas as situações podem calhar de maneira despreziosa e aleatória, por conseguinte, se identifica, fortuitamente, a aparição; ou intencional, quando são montados apetrechos precisamente para este fim, ou seja, de maneira premeditada, no intuito de que a manifestação sobrenatural ocorra para consequente averiguação, esmiuçando atenta e pacientemente os possíveis achados, uma vez que cada sinal, por mais insignificante que pareça, tem valor inestimável para quem o detecta.

A cogitação da viabilidade, bem como as ocorrências espontâneas e/ou a prática deliberada da TCI é secular. A título de exemplos, o inventor Thomas Edison (1847-1931), nos Estados Unidos, devotou-se, na sua fase de senectude, à criação, sem êxito, de um artefato que lograsse registrar falas sobrenaturais (Bezerra Filho, 2013, p. 45). Nos anos de 1950, o artista Friedrich Jurgenson (1903-1987), na Suécia, identificou vozes semelhantes a falas humanas, espontaneamente, em meio a gravações que por hábito executava, isoladamente, do canto tão somente de pássaros, o que o surpreendeu sobremaneira, pois afirmou não haver a menor chance de alguém estar presente no ambiente (Ladous, 2003, p. 601).

Em vários países do continente europeu, seguindo o caminho trilhado por Jurgenson na década de 1960, Konstantin Raudive (1909-1974), aliado a outros pesquisadores, registrou em gravadores de áudio milhares de palavras e frases atribuídas a entidades provenientes de outras dimensões (Goldstein, 1997, p. 242). Ocorrências análogas foram registradas pelos padres cientistas Pellegrino Ernetti (1925-1994) e Agostino Gemelli (1878-1959), na Itália, durante experiências também com aparelhos que retinham e reproduziam sons (Ladous, 2003, p. 601).

No Brasil, o padre católico apostólico romano Roberto Landell de Moura (1861-1928), é considerado o arauto da TCI, e teve sua sanidade mental veementemente questionada, pois durante as celebrações de missas afirmava conversar com espíritos de pessoas falecidas. Landell, audaciosamente, sem restrição em contradizer os princípios da religião que professava e que desacredita na manifestação concreta dos espíritos, operava um rádio dessintonizado e dialogava com os mortos (Almeida, 2012, p. 18).

No campo inerente às transimagens, em 1861, o fotógrafo amador estadunidense William Mumler (1832-1884), ao revelar o retrato tirado de si mesmo, percebeu a imagem de um indivíduo ao seu lado, estando sozinho no próprio estúdio e, com isso, passou a dedicar-se às “fotografias espirituais” (Cabral, 2019, p. 11). O inglês *Frederick Augustus Hudson* (1812-



1889) e o australiano *John Watt Beattie* (1859-1930) seguiram e aprimoraram as técnicas fotográficas de Mumler, assim como o francês Édouard Buguet (1840-1901) que, ademais, se apresentava como médium (Velloso, 2020, p. 327), o que teoricamente poderia potencializar os resultados da TCI.

Mais recentemente, com a invenção da televisão e do vídeo, a partir dos anos 1980, o alemão Klaus Schreiber (Schäfer, 1997, p. 187) e os luxemburgueses Maggy *Harsch-Fischbach* e Jules Harsch-Fischbach (Locher & Harsch, 1997, p. 62) se notabilizaram com registros visuais mais apurados. Marcelo Bacci (1927-2019), pesquisador italiano, desde os idos de 1970, investiu com sucesso na captação do que chamou de “vozes diretas”, também atribuindo seus achados à manifestação dos finados.⁵ Portanto, à medida que os avanços tecnológicos ocorrem, ao que parece, a TCI acompanha proporcionando mais e melhor entendimento, tanto sobre sua factualidade como sobre sua ilusão.

Como disposto, o rol de adeptos da TCI abarca nomes de significativa representatividade na história da humanidade, incluindo também o insigne engenheiro eletrônico, cientista e inventor Guglielmo Marconi (1874-1937), que relatou a perspectiva futura de contato via ondas de rádio com alienígenas (Cardoso, 2010, p. 25), e o célebre inventor, engenheiro eletrotécnico e mecânico Nikola Tesla (1856-1943), que ponderou, sem constrangimento, a viabilidade da locução interplanetária. Nunes revela, neste pequeno trecho, um breve e expressivo apanhado sobre a representatividade de Tesla:

Nikola Tesla foi um dos mais incríveis cientistas da história, suas descobertas e invenções, como o sistema de corrente alternada e transmissão sem fio, mudaram a ciência e a sociedade no final do século XIX. Apesar de toda sua contribuição no mundo científico e de suas ideias estarem presentes diariamente na vida das pessoas, seu nome é pouco conhecido (Nunes, 2015, s/p).

Em face ao legado contendo tamanhas contribuições de geniais desenvolvedores, a TCI não parece ser uma utopia. Pelo visto, ícones emblemáticos do passado apontaram um futuro que aparentava insólito. Contudo, uma vez sinalizado por mentes que deixaram descobertas incríveis, diante dos extraordinários avanços tecnológicos do presente, o presumível descrédito de outrora, no que concerne a esses ideários pouco convencionais, alvitra ser reconsiderado.

Intencionalidades (des)favoráveis

A TCI incorpora um grande arcabouço de gravações de vozes que provavelmente não são originárias do mundo material. Existe na torrente de registros o potencial de imputá-las a algo ou alguém intangível. Nesse montante, alguns pesquisadores, mediante evolução digital, têm acurado os sons e vêm concluindo a existência de similaridades fonéticas entre a voz gravada de um ente morto e a voz de quanto em vida corpórea. Sendo assim, a ciência

⁵ García Bautista, J. M. (2021, 8 de junho). TCI: Las increíbles experiencias de Marcello Bacci y sus conversaciones con el más allá. *CádizDirecto.com*. <https://www.cadizdirecto.com/misterios-enigmas/tci-las-increibles-experiencia-de-marcello-bacci-y-sus-conversaciones-con-el-mas-alla/>.

e a humanidade deveriam abandonar a permissividade dos equívocos que perpetuam (por convicção) e buscar esclarecimento por meio do método científico, para que realidades subestimadas deixem de ser aludidas a devaneios (Portela, 2019, p. 17), relegando ou negando veementemente, por considerar a ausência de provas incontestes, fatores históricos, culturais e religiosos da população.

Neste contexto, são raríssimos os artigos científicos, avaliados por pares e indexados, que versam sobre a TCI. Estudos sobre a temática, quando publicados em periódicos dessa natureza, se apoiam nos referenciais encontrados em livros, palestras, conferências, entrevistas e mídias sociais: sites, blogs, Facebook, Instagram e YouTube. Quando a TCI é desbravada no universo dos pesquisadores científicos, estes parecem intencionar se apartar do indivisível contexto espiritualista, embora o citem superficialmente, considerando que tendem a investigar com enfoque nas áreas da tecnologia ou da comunicação, a exemplo de Ladous (2003, p. 609), que sugere trocar a crença por evidência. Em comparabilidade, Cabral (2019, s/p) divisa TCI, religião e ciência, correlacionado-as aos modos de percepção sensorial, tanto auditiva como visual.

Contudo, ainda que as poucas abordagens oficialmente científicas busquem desvincular a TCI da espiritualidade ou da religiosidade, esboçam timidamente o viés Espírita, considerando que esta doutrina codificada pelo francês Allan Kardec – pseudônimo de Hippolyte Léon Denizard Rivail (1804-1869) – defende, dentre outros axiomas, a imortalidade da alma, a comunicabilidade dos espíritos e a pluralidade dos mundos habitados (Kardec, 2013, s/p). Tais postulados não se distanciam das derivações da TCI, pelo contrário, não obstante que, em sendo verídico o registro de imagens, e sobretudo de vozes do além, entidades, com algum tipo de vida e/ou inteligência, trazem conteúdos em mensagens visuais ou audíveis que são provenientes não se sabe de onde. Por outro lado, há vários testemunhos afirmando que certamente não emergem do local onde o registro foi captado. Todavia, a identificação da origem, de maneira comprovada em materialidade, até o momento, ainda não ocorreu.

No entanto, procedendo o contato com espíritos e/ou seres extraterrestres, por logicidade, os transcomunicadores e seus consulentes precisam admitir ao menos as três premissas kardequianas mencionadas, embora tais conjecturas não sejam estanques da doutrina em pauta, uma vez que várias denominações espiritualistas, essencialmente, convergem em asserções correlatas. Contudo, o Espiritismo, talvez pelo amplo lastro difusivo, reúna intensificada ênfase na literatura e na oratória,⁶ inclusive reconhecendo a TCI nas entrelinhas de Kardec. Pois, em *O Livro dos Espíritos*, primeira edição lançada em meados do século XIX, na questão de número 934, o renomado autor pergunta aos espíritos *sobre a legitimidade do sofrimento que a perda de entes queridos causa, e eles respondem via médiuns:*

Essa causa de sofrimento atinge tanto o rico como o pobre: é uma prova ou expiação e lei para todos. Mas é uma consolação poderdes comunicar-vos com os vossos amigos pelos meios de que dispondes,

⁶ O Espiritismo é considerado a doutrina dos livros e das palestras, visto que são esses os meios de maior propagação de seus princípios.

enquanto esperais o aparecimento de outros mais diretos e mais acessíveis aos vossos sentidos (Kardec, 2013, p. 419).

Ainda nas veredas da Doutrina Espírita, no século XX, o engenheiro civil e escritor, Hernani Guimarães Andrade (1913-2003), que adotou o pseudônimo de Karl W. Goldstein em várias publicações, e a médica Marlene Rossi Severino Nobre (1937-2015), que promoveu o Primeiro Congresso Internacional de Transcomunicação – tendo o icônico médium Francisco Cândido Xavier como presidente de honra, além de Oscar D'Argonnel, Hilda de Almeida Prado Hilst, Próspero Lapagesse, Cornélio Pires, dentre outros nomes que iniciaram as pesquisas sobre TCI no Brasil – consideram legitimar os parâmetros espíritistas dos quais eram adeptos. O brasileiro, parapsicólogo, pesquisador, professor, conferencista e escritor Clóvis Nunes, presentemente um dos grandes expoentes da TCI, é dado à singular capacidade de eloquência, tanto na oratória como na transcrição, e evidentemente não desata suas engrenagens dos motes Espíritas.

Há pouco, no século XXI, quase entrando o ano de 2020, reforçando a tese dos correligionários, o psicógrafo Orlando Noronha Carneiro, em entrevista publicada em um periódico científico de renome na área da Ciência das Religiões, colocou que “as documentações sobre [...] transcomunicação instrumental são vastas e se faz preciso continuar as investigações para acordar o homem de seu sonho imediatista” (Hott, 2019, p. 194). Afirmativa que partiu de um dos mais conceituados médiuns da atualidade, tendo sua representatividade reconhecida por adeptos ou não do Espiritismo, especialmente em função das cartas que psicografa, tendo em vista consolar enlutados diante da perda de entes queridos.

De outra maneira, parece ser desarrazoado atrelar a TCI à doutrina codificada por Kardec, considerando que tanto os livros como as aulas teóricas e práticas estão comercializados por alguns de seus divulgadores e preceptores sem mencionar destino de renda altruísta, o que, procedendo, talvez não seja visto como atividade que coadune com o ethos Espírita da gratuidade.⁷ Todavia, a TCI praticada como meio para obter informações do além-túmulo, no intuito da busca de respostas para as clássicas perguntas da humanidade que dizem respeito ao para onde vamos e como estamos após a morte, enquanto prática desvinculada de interesses financeiros e objetivando sanar as angústias da alma, presume-se ser assentida pela comunidade Espírita-cristã.

No âmbito da fenomenologia, que “não estuda os fatos religiosos em si, mas sua intencionalidade” (Croatto, 2001, p. 521), a TCI espelha a incessante procura pela dimensão espiritual para solvência das questões humanas. Fluindo apócrifa, no sentido de (a)provação, seus passos acanhados paulatinamente ganham forças e tendem a escalar o abismo existente entre a vanguarda tecnológica, consolidada pela objetividade no tipo de registro em questão, porém embasada na subjetividade da crença e da fé. E é justamente pelo afastamento das contradições que insurge a prognose de experiência religiosa como possível meio para validação

⁷ “Curai os enfermos, limpai os leprosos, ressuscitai os mortos, expulsai os demônios: de graça recebestes, de graça dai”. (Jesus - Mateus 10:8.). Este trecho bíblico ressurgiu na obra de Allan Kardec “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, no capítulo XXVI, intitulado “Dai gratuitamente o que gratuitamente recebestes”.

da TCI, que salta à frente da cientificidade, uma vez que o enlutado complexo e persistente se impacienta na espera de uma resolutividade natural ou convencional que, intimamente, reconhece como ineficaz, e é preciso transpor as barreiras do sofrimento para sobreviver à dor.

Na esteira da experiência religiosa do enlutado

Todas as culturas e todos os povos tiveram e têm uma expressão religiosa. Dizer "expressão" é falar de manifestações de ordem religiosa que têm seu veículo na simbologia, na linguagem, na literatura, na arte, em rituais variadíssimos, nos corpos doutrinários, em modelos de vida. Aquilo que é expresso de tantas maneiras, que de fato compreende todos os registros da atividade humana, é algum tipo de experiência do transcendente. Como toda experiência humana, ela também tende à comunicação e à socialização. Precisa "ser dita"; daí escolher tantos caminhos para realizá-la (Croatto, 2001, p. 9).

No Brasil, a TCI tem ganhado ares lenitivos quando é possível reconhecer em vozes e/ou imagens o comunicado de um ente falecido. Desse modo, ventila a finalidade consoladora, pois, na maioria dos casos, sua utilidade é a identificação de seres espirituais que possam emitir mensagens, atendendo às demandas do LC. Ou seja, do transtorno emocional que não logrou êxito em resolutividade mediante processo natural, de condição pessoal, para a acomodação da dor da alma (APA, 2014, p. 789), sendo esta condição um considerável gatilho para o conforto. Coelho Júnior e Mahfoud (2001, p. 101) entendem que a transcendência direciona a pessoa para a formulação de perguntas mediante circunstâncias consistentes impostas pela vida, não necessariamente perturbadoras, incentivando o levantamento de questões que, ao serem respondidas, caracterizam a experiência religiosa.

Nos Estados Unidos, por exemplo, a TCI é trivial à cultura de "caçar fantasmas" como uma demonstração de assombro, desprovida do viés de auxílio ao ser que se encontra aprisionado no mundo físico por algum motivo, mas que não o pertence mais, tampouco daquele que lhe é familiar e segue sua vida física nutrindo pesar pela morte biológica de alguém. É em solo norte-americano, inclusive, que são desenvolvidos a maior parte dos aparelhos que buscam captar, através de alerta por ondas eletromagnéticas, a presença de alguma entidade invisível, bem como há instrumentos que asseguram a perspectiva de gravar vozes e imagens. Mas, ao que tudo indica, o intento não ultrapassa a detecção movida pela curiosidade, tendenciando a ser um mero estilo de entretenimento.

Não obstante, no cenário brasileiro e no exterior, há indícios de desvio obscuro do escopo, considerando a existência de possíveis fraudes de transcomunicadores que atribuem genuinidade a gravações de vozes ou registros de fotografias espirituais manipuladas, indicando ou sugerindo que em tais materiais sobrevêm a identidade de entes queridos falecidos. O engodo terapêutico a (des)serviço de alívio ao luto, demonstra imagens de baixa resolução e visuais fantasmagóricos, espectrais (Bragança, 2014, p. 9), características que provocam reações mais assustadoras que alijadoras da aflição psíquica. Neste caso, Cabral (2017) afirma:



Quanto às fraudes, os transcomunicadores afirmam que as captações, deliberadamente falsas, são fáceis de se identificar, pois os transcomunicadores fidedignos, de certa forma, tornam-se experts em gravação e edição de áudio e imagem, podendo explicar quando ocorre e como são feitas as manipulações. [...] No caso de as dúvidas sobre autenticidade persistirem, o pesquisador pode ainda recorrer aos peritos forenses para o reconhecimento, através de comparação das captações (Cabral, 2017, p. 35)

Descartada a complacência mental denominada “pareidolia” – que se traduz pela capacidade cerebral de equivocarse, criando ilusões de ótica, provocando a interpretação de fatos e fenômenos por sugestão, vendo o que se quer, não o que realmente se mostra (Barbieri, 2019, p. 64), no terreno da passionalidade e do carreirismo, afastando também a generalização –, a desfaçatez vitimiza pessoas enlutadas servindo-se das fragilidades emocionais que as tornam mais susceptíveis e vulneráveis à influência ou enganação. Se descoberto o embuste, repercute em mal maior à hígidez do enlutado, pois a pretensa experiência religiosa se converte em veraz experiência desastrosa.

Porventura seja este o motivo que faça com que os adeptos da TCI optem por praticá-la a sós (ou em restrita companhia de seus pares em luto), valendo-se de suas próprias habilidades técnicas, auditivas e visuais, para que a convicção nos resultados seja exitosa. Acredita-se que, por essa razão, a TCI tem sido desenvolvida por autodidatas, mediante as facilidades de acesso aos dispositivos eletroeletrônicos, ainda que as expertises metodológicas e sensoriais, em situação de enlutamento, possam estar comprometidas.

Clóvis Nunes assevera que “as vozes do além não são chocantes, são esclarecedoras, consoladoras” e que estão sob controle científico há décadas, não existindo “mínima possibilidade das gravações de vozes e imagens serem fraudadas” (Ferrari, 2013, p. 6). Infere-se que tal afirmativa se deva ao trabalho balizado por ele que, embora suporte oposição (como ocorrido no início dos anos 2000, em um programa televisivo),⁸ mediante o mister intrínseco à incorporalidade, Nunes reflete seriedade e excelência nos saberes e práticas.

Sob este enfoque positivista, havendo a constatação de autenticidade na comunicação com o ente falecido pelo enlutado, a priori, ou por transcomunicadores de ofício (que executam a tática de registro, mas também conduzem a interpretação dos resultados com lisura), que seja através de uma imagem distorcida, de palavras-chave ou frases curtas, em virtude da atribuição de significado à demanda íntima do contatado, este, por vezes, infere que a ocorrência atenuou seu desassossego e/ou esclareceu alguma(s) de suas objeções existenciais.

Meyer (2019, s/p) entende que a “mediação da ausência”, incluindo a tecnologia, cria pontes entre o mundo físico e o mundo espiritual, podendo a multiplicidade midiática materializar o sagrado e/ou o transcendente. E, se a pessoa sensorialmente confere validade a determinado procedimento que alterou, positiva ou negativamente, o curso do ceticismo desperto (conforme denotado nos quadros de LC), encontra-se caracterizada uma forma de experiência religiosa. Croatto comparte:

⁸ Debate sobre Transcomunicação Instrumental, ocorrido entre Clóvis Nunes e padre Quevedo, onde o primeiro validava e o segundo refutava a veracidade do fenômeno, no Programa Fantástico da Rede Globo.

O entusiasmo para conhecer o fato religioso com uma aproximação diferente da tradicional proporcionou, sem exceção, uma mudança na própria maneira de contemplá-lo. Passou-se a respeitar, admirar e aceitar como "verdadeira" a experiência religiosa do outro, não importando a que cultura ou época pertença (Croatto, 2001, p. 7).

Na conjuntura da TCI se faz crescente o número de sequazes que ascendem, inclusive, em associações e workshops, nacionais e internacionais. Porém, atualmente, em especial com o surgimento dos smartphones e dos notebooks, é simples instalar nesses dispositivos aplicativos que prometem captar e capturar sons e aparências extranaturais. Com os avanços tecnológicos facilitando o acesso, a TCI se tornou implemento individual, solitário e velado, quiçá pelo receio de seus adeptos serem, hoje em dia, por comum, portadores do LC.

No enlutado, é provável o desdobramento do temor do julgamento, diante daquilo que opta por empreender e pode ser considerado inaudito (APA, 2014, p. 789), tal a estratégia inusitada da TCI, eleita geralmente após terapias diversas e medicalização falirem no enfrentamento do problema. A chancela de conduta patológica, ultrapassando o estigma social, que censura (no outro) o sofrer e amplia o "transtorno" – que é transitório, para a "doença" – que é crônica, na esfera da saúde mental, torna-se mais um contratempo no LC.

Conclusão

A TCI é uma prática secular, histórica, admitida no imaginário ou desde a invenção dos mais rudimentares aparelhos de rádio e fotografia, por grandes ícones da humanidade que se destacaram em diversas áreas do saber. A tentativa de produzir o fenômeno de captar mensagens de seres extrafísicos tem permeado o cotidiano de enlutados que buscam notícias de seus entes queridos.

Alguns postulados da Doutrina Espírita (imortalidade da alma, comunicabilidades dos espíritos, pluralidade dos mundos habitados) parecem coadunar com o que a TCI intenta traduzir e evidenciar. A captura de sons e imagens imputadas ao além-túmulo são, por vezes, suficientemente inteligíveis, mesmo que não alce constatar sua real e exata proveniência em termos espaciais.

Porém, no momento em que o receptor enlutado reconhece o emissor falecido no registro da manifestação e abraça a intervenção como verdade, é presumível que suas adversidades emocionais sejam mitigadas em algum grau, por meio de um exercício aparentemente técnico, mas intimamente conexo ao transcender da razão e da emoção, antes em desalinho, caracterizando, neste sentido (re)encontrado na vida, uma forma de experiência religiosa.

Referências Bibliográficas

Almeida, H. (2012). A longa (e interminável) construção da biografia do padre Landell. In L. Klöckner & M. S. Cachafeiro (Org.). *Por que o Pe. Roberto Landell de Moura foi inovador?* (pp-17-37) EDIPUCRS.



American Psychiatric Association. (2014). *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - DSMV*. Artmed.

Barbieri, P. (2019). "Os mitos imitam os próprios deuses": projeto alegórico e apropriações mitológicas em *Sobre os Deuses e o Mundo*, de Salústio. *Boletim de Estudos Clássicos*, (64), 55-81. https://impactum-journals.uc.pt/bec/article/view/64_4/5965.

Bezerra-Filho, J. (2013). *Transcomunicação instrumental como prova no Processo Penal: uma análise a partir do discurso científico*. [Monografia de Conclusão de Curso, Universidade Federal de Campina Grande]. <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/bitstream/riufcg/16714/1/JOÃO%20BEZERRA%20FILHO%20-%20TCC%20DIREITO%202013.pdf>.

Borges, A. (2020, abril). A espiritualidade na Gestalt-terapia como estratégia de ajustamento criativo. *Revista Encontros Teológicos FACASC*, 35(1), 211-226. <https://facasc.emnuvens.com.br/ret/article/view/1015>.

Bragança, K. N. (2014, setembro). Impressões da Morte: transcomunicação instrumental, pareidolia e os limites da visibilidade no *Found Footage* de horror. *Anais do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2014/resumos/R9-2240-1.pdf>.

Cabral, G. B. (2017). *Transcomunicação instrumental: uma alternativa de contato* [Monografia de Conclusão de Curso, Universidade Federal do Rio Grande do Sul]. <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/251021>.

Cabral, G. B. (2019, janeiro). Transcomunicação instrumental e sentidos: aproximações possíveis. *Anais da VII Reunião de Antropologia da Ciência e Tecnologia*. <https://ocs.ige.unicamp.br/ojs/react/article/view/2712/2545>.

Cardoso, A. (2010). *Electronic Voices: Contact with Another Dimension?* John Hunt Publishing.

Coelho Júnior, A. G. & Mahfoud, M. (2001). As dimensões espiritual e religiosa da experiência humana: distinções e inter-relações na obra de Viktor Frankl. *Psicologia USP*, 12(2), 95-103. <https://www.scielo.br/j/psup/a/GQ7DMFpSP8fs5rbpy8NXGFS/?lang=pt>.

Croatto, J. S. (2001). *As Linguagens da experiência religiosa: uma introdução à fenomenologia da religião*. Paulinas.

Ferrari, T.T. (2013, outubro). A Reencarnação, a Comunicação com os Mortos e as Pesquisas Científicas. *GAE – Grupo de Apologia Espírita*. <https://apologiaespirita.com.br/wp-content/uploads/A-Reencarnacao-a-Comunicacao-com-os-Mortos-e-as-Pesquisas-Cientificas.pdf>.

Goldstein, K. W. (1997). *A transcomunicação através dos tempos*. Jornalística Fé.

Guimarães, A. (2023, 7 de novembro). Como ter saúde espiritual? *Quero vida e saúde*. <https://querovidaesaude.com/como-ter-saude-espiritual/>.

Hott, M. C. M. (2019, dezembro). Contribuições da espiritualidade para a promoção da saúde mental por meio da mediunidade: entrevista com o médium Orlando Noronha Carneiro. *PLURA Revista de Estudos de Religião*, 10(1), 183-195. <https://revistaplura.emnuvens.com.br/plura/article/view/1662/1328>.



- Kardec, A. (2013). *O Livro dos Espíritos*. 93 ed. 1. reimp. (93ª ed., 1ª reimp.). Federação Espírita Brasileira.
- Ladous, R. (2003). Voix et Images d'ailleurs: Les Deux Fables de Dom Ernetti. *Ethnologie Française*, 33(4), 601-609. <https://www.jstor.org/stable/40990619>.
- Lima, O. P. & Carrieri, A. de P. (2020, setembro). A contabilidade de óbitos e a organização social da morte no Brasil. *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, 27(2), 355-573. <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/ZQScqnvnySzDCMZcBkxYXnh/?lang=pt>.
- Locher, T. & Harsch, M. (1997). *Transcomunicação: A comunicação com o além por meios técnicos*. Pensamento.
- Meyer, B. (2019). Imagens do Invisível: cultura visual e estudos da religião. In E. Giumbelli J. Rickli & R. Toniol (Org.). *Como as coisas importam: uma abordagem material da religião*. (pp-205-240). UFRGS Editora.
- Nogueira, L. C. (2021, fevereiro). As múltiplas influências da umbanda: do continuum mediúnico ao rizoma umbandista. *Expedições*, 12, 46-63. https://www.revista.ueg.br/index.php/revista_geth/article/view/11213.
- Nunes, M. V. (2015). *Nikola Tesla: uma breve história do Mestre dos Raios*. [Monografia de Conclusão de Curso, Universidade Estadual Paulista] <https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/a361549e-d730-445a-b3d4-eebc059086f5/content>.
- Portela, L. (2019, julho). Da falha como acerto na vida e numa empresa farmacêutica. *CEM Cultura, Espaço & Memória*, 9, 9-18. <https://ojs.letras.up.pt/index.php/CITCEM/article/view/6207/5840>.
- Rocha, A. P. C.; Fonsêca, L. C. & Sales, R. L. (2019, 15 de agosto). Dialogando sobre a morte como forma de prevenção do luto mal elaborado. *Revista Psicologia & Saberes*, 8(12), 31-50. <https://revistas.cesmac.edu.br/psicologia/article/view/1054>.
- Schäfer, H. (1997). *Ponte entre o Aqui e o Além: teoria e prática da transcomunicação*. Pensamento.
- Velloso, B. L. (2020). Transcomunicação instrumental: usos e atribuições de sentido às tecnologias de comunicação na crença da interação com os mortos. In M. N. Cunha & L. J. Storto (Org.). *Comunicação, linguagens e religiões: tendências e perspectivas na pesquisa*. (pp-321-348). Syntagma Editores. https://www.academia.edu/41653332/Transcomunica%C3%A7ao_Instrumental_usos_e_atribui%C3%A7%C3%B5es_de_sentido_%C3%A0s_tecnologias_de_comunica%C3%A7%C3%A3o_na_cren%C3%A7a_da_intera%C3%A7%C3%A3o_com_os_mortos.

Recebido em: 21 de dezembro de 2023

Aprovado em: 7 de setembro de 2024

